

O artista é um pesquisador?

Que tipo de pesquisa faz aquele que se dedica a criar?

Defendendo a ideia de que a arte deve ser encarada como prática de pesquisa, um conjunto de universitários estudantes de Artes Visuais traz ao público os resultados de suas investigações atuais, suas criações. E, evidentemente, a ação de criar é também um ato de arriscar, que coloca esses artistas-pesquisadores em um estado de tensão dobrada: corpo e mente ligados na voltagem 220.

220 traz um conjunto de resultados das Práticas Integradas de Pesquisa e Extensão desenvolvidas pelos estudantes no curso de Artes Visuais (Unifesspa), entre março e julho do ano corrente, com supervisão dos professores Gil Vieira Costa e Leila Rego. Junto aos seis artistas-pesquisadores em formação que integram a mostra, somam-se os nomes de dois artistas convidados, atuantes em Marabá.

Esperamos que a potência dos artistas-pesquisadores possa energizar nosso circuito, e somar forças para manter a arte e a criação em movimento.

A cidade é um tema sempre presente entre os interesses dos artistas de muitas épocas e lugares. Essa paisagem cultural, fabricada pelas sociedades, atrai o olhar de artistas que flanam, observam e reinventam as cidades ao seu próprio modo.

Recorrendo à técnica do pontilhismo, Mayara Sanilee obtém representações de lugares muito conhecidos de Marabá. A visualidade de suas obras parece dialogar tanto com a cultura fotográfica (em que ela se baseia para produzir suas imagens) quanto com a tradição do desenho à nanquim, popular na cidade.

Utiliza, ainda, um instrumento pouco convencional: a Castanha-do-Pará, que é também um símbolo da região. Sua pesquisa oferece um trabalho de memória, em que Marabás do passado e do presente se cruzam e dialogam.

A cidade também é o tema de Inigashin, que nos apresenta uma cidade peculiar. Em um diálogo com a história da arte, ele seleciona paisagens da pintura acadêmica brasileira do século 19, identifica e analisa as paletas de cores usada, e em seguida aplica essas paletas às suas próprias paisagens cotidianas, à cidade que ele percorre e reconstrói.

O que encontramos nessas pinturas é e não é a cidade real, que conhecemos. Sua obra nos oferece locais quase fictícios. Ali, uma rua, uma casa, uma ponte, um trem... onde é esse aqui e esse agora, essa cidade que sinto estranhada na minha memória?

A figura humana é outro tema recorrente nas pesquisas dos artistas. O olhar é deslocado das comunidades para as individualidades. Representações do humano exigem que o artista capte algo mais que a aparência física: é preciso traduzir visualmente algo do comportamento, do sentimento, enfim, do próprio ser.

Lidando com técnicas tradicionais e digitais para a criação de ilustrações, cujo tema é a figura humana, Lewis Bicho obtém resultados e caminhos bifurcados. Nos desenhos com esferográfica, centrados em rostos, prevalece o uso das linhas, criando texturas, hachuras e ritmos visuais. Na pintura digital, as linhas se tornam mais sinuosas, usadas com economia, dando destaque para as cores como elemento plástico e simbólico.

Há outro tipo de figuração humana, que é aquela permitida pelos dispositivos fotográficos. Em uma história que beira dois séculos de existência, a fotografia já foi desenvolvida em processos artesanais e hoje se desdobra no campo da tecnologia digital. Lorena Braga lida em suas obras com a antotipia, um processo fotográfico histórico que utiliza pigmentos obtidos de matéria vegetal. Por outro lado, a artista também maneja a câmera fotográfica, como na série de fotografias de crianças indígenas que ela apresenta nesta exposição. É no cruzamento entre passado e presente, humano e natureza, entre outros diálogos possíveis, que ela constrói uma linha de investigação artística.

A figuração humana também é o tema investigado por Luanderson Santos. Ele combina o desenho de personagens, geralmente em situações de um cotidiano familiar ou doméstico, com a técnica da marmorização em papel. Seus personagens são, então, intercalados com texturas e plasticidades que evocam a estética do surrealismo ou da arte fantástica.

Essa intimidade, do interior das casas e das relações, é trabalhada em diálogo com o onírico, num jogo de dualidades: o desenho racional e meticuloso junto à pintura cheia de acaso; a figuração realista junto às texturas abstratizantes. Dualidades que se interpenetram e dialogam, em muitas gradações.

A iconografia marajoara, desenvolvida antes da colonização ibérica na América, é um dos símbolos culturais muito manejados na construção de uma identidade paraense e mesmo brasileira. A grande sofisticação formal das padronagens e ornamentos dessas sociedades indígenas coloca as cerâmicas desses povos no mesmo patamar de outras civilizações da antiguidade, em outros continentes.

Marcos Adriel busca nessa iconografia marajoara um vocabulário simbólico, que ele atualiza e reinventa em placas de cerâmica, usando incisões e alto relevo. Suas experimentações parecem querer realçar a sofisticação dessas formas, que deixam de ser um elemento ornamental e se tornam o centro das próprias obras.

A intimidade com o cotidiano de uma mulher transgênero é um tema que atravessa o ambiente criado por Rafa Maciel. Suas fotografias não apresentam essa mulher como um 'tipo social', mas como um ser humano imerso em uma realidade complexa, cheia de afetos, sutilezas e partilhas.

Esse contato com a intimidade de corpos e existências que ainda lutam para possuir voz ativa no debate público nos oferece uma reflexão sobre as muitas violências físicas e simbólicas a que determinados grupos estão sujeitos, apenas pelo fato de exercerem o direito de viver plenamente sua sexualidade e gênero.

'Bicos de Papagaio' era a forma como os militares brasileiros se referiam aos guerrilheiros do Araguaia, ao capturarem e executarem os mesmos. O episódio marcou a região em que Marabá se encontra, também conhecida pelo termo 'Bico do Papagaio'. Abilio Pacheco, com uma longa trajetória na literatura, busca em uma instalação de artes visuais o instrumental para um importante trabalho de memória.

Sua investigação maneja a sobrevivência de imagens e discursos sobre a Guerrilha do Araguaia, recorrendo às fotografias de alguns dos muitos militantes executados. Ao confrontar essas faces aos rostos do próprio público, num jogo de espelhos e identificações, ele propõe questões e constitui um lugar para algumas dessas memórias romperem o peso do esquecimento.